

RESENHA: O ENSINO DE ESTUDOS SOCIAIS NO PRIMEIRO GRAU, de Dulce Maria P. Camargo, Eloísa de Matos Wöfling, Ernesta Zamboni, Newton César Balzan. São Paulo, Atual, 1986, 95 p. (Projeto Magistério)

Elza NADAI *

Esse livro, elaborado por professores da Faculdade de Educação da Unicamp, com experiências variadas em primeiro e segundo graus, e que pretende ser um instrumento de reflexão para os professores que atuam nas 1^{as} às 4^{as} séries, bem como para os estudantes da Habilitação Magistério, sofre, a nosso ver, um limite estrutural: a incompreensão ou compreensão parcial do papel político desempenhado por Estudos Sociais na História da Educação Brasileira.

O livro estrutura-se em três partes: apresentação da disciplina, relatos diversos de experiências de ensino e a terceira, de síntese, onde se retomam as práticas e se discute o significado de Estudos Sociais para a compreensão da realidade social. É na primeira parte que se localiza a deficiência mais flagrante da obra pois analisa a "disciplina" de Estudos Sociais tomando como referência somente seus aspectos internos: a interdisciplinaridade, a integração, a multiplicidade de enfoques mas não a "fusão de conhecimentos diferentes num conteúdo único a partir da diluição de campos de estudo" (p. 3). Percorrendo historicamente as tentativas de implantação de Estudos Sociais na escola primária desde o Programa elaborado, sob inspiração direta de Anício Teixeira, em 1934, passando pelas experiências de renovação do ensino da década de sessenta até a LDB 5.692/71, acaba por concluir que Estudos Sociais ocupou sempre o mesmo papel, ressaltando um *continuum* no ensino e nas suas abordagens.

Outro problema ocorre quando os autores definem o que entendem por Estudos Sociais. Em suas palavras: "... Tem como objeto de estudo, em última instância, o conhecimento da realidade social, cultural, histórica e política em que vive o aluno" (pág. 11). Tal amplitude acaba por dificultar a própria identidade do objeto, sobretudo pelo fato de que os autores não explicitam porque Estudos Sociais e não História, Geografia ou qualquer outra ciência humana desempe-

* Professora Doutora do Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

nham a tarefa de melhor operacionalizar aqueles objetivos. Dito de outra forma, porque a preferência por Estudos Sociais para trabalhar as "relações sociais" na escola fundamental? Ainda, ao enfatizar o fato de que o grupo de autores (terá sido pela experiência anterior de cada um dos professores?) acredita ser possível "fazer um bom trabalho em Estudos Sociais" e o identifica principalmente aos aspectos metodológicos, separados dos conteúdos, bem como das condições de formação do professor e de seu trabalho, dificulta, mais uma vez, a compreensão do objeto e do assunto em debate. Acreditamos — afirmam os autores — "quando se oferecem condições para que o estudante estabeleça relações diretas com o meio focalizado; (...) quando se enfatizam a pesquisa e o estudo por parte do aluno, etc..." (pág. 12), ocorre um bom trabalho.

Parte significativa do livro é a segunda quando, a partir de observações dos Estágios, "junto às escolas das redes pública e particular do Estado de São Paulo", (pág.17) são extraídos relatos de experiências que se "constituem parte do acervo acumulado durante os últimos anos em cursos de Licenciatura e de Pedagogia" (p. 18), que se desdobram nas quatro primeiras séries do primeiro grau e "cujos resultados nos permitem traçar um perfil daquilo que vem sendo realizado em uma amostragem significativa desses estabelecimentos de ensino" (p. 18).

A escola pública encontra-se num momento de definição (quando não o é?) em que a divulgação de práticas pedagógicas realizadas no interior do espaço escolar exerce um papel importante de reflexão do fazer pedagógico. Assim, apesar da fragilidade teórica na qual a discussão de Estudos Sociais se assenta, o livro acaba por suprir, significativamente, a aspiração do grupo elaborador, ou seja, "municiar o professor, ou futuro professor, de instrumentos que tornem sua reflexão mais fecunda e mais capaz de reelaborar sua experiência profissional de acordo com as necessidades".

(Recebido em 02-06-88 e liberado para publicação em 13-06-88)